



A UTILIZAÇÃO DA MÚSICA NAS AULAS DE HISTÓRIA COM OS ALUNOS DO 8º ANO

Priscilla da Silva Góes¹

Eixo temático: Educação e Ensino de Ciências Humanas e Sociais;

Resumo: A seguinte comunicação pretende apresentar ao leitor a utilização da música pelo professor de História como uma ferramenta para ampliar o conhecimento dos alunos sobre os períodos históricos estudados, considerando que a música teve – e continua tendo - um papel extremamente importante no contexto social histórico. Mediante a carência, por parte dos professores, de conhecimento para a utilização da música em períodos anteriores ao século XX, esse artigo pretende discutir e apresentar propostas que visam a repensar e ampliar as práticas pedagógicas dos professores de História, mostrando a riqueza cultural das produções musicais que podem ser inseridas nos livros didáticos do 8º ano do Ensino Fundamental. Enfim, nossa proposta é enriquecer o ensino de História, a fim de instigar o aluno a estabelecer relações entre fatos históricos e produções musicais.

Palavras – chave: Ensino, história, música.

Abstract: The following communication intends to present to the reader the use of music by the teacher of History as a tool to expand the knowledge of students about historical periods studied, considering that music had – and still has – an extremely important role in the social and historical context. Given the lack of knowledge related to music of periods prior to the twentieth century, this paper aims to discuss and present proposals to rethink and expand the pedagogical practices of teachers of History, showing the cultural richness of the musical productions which can be inserted in the textbooks of the eighth year of elementary school. Finally, our proposal is to enrich the teaching of History to encourage students to establish relationships between historical events and musical productions.

Keywords: Teaching, history, music.

I - INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido sobre a importância da música e das demais artes no ensino básico, inclusive nas aulas de História. No entanto, ao observarmos algumas oficinas em encontros de História e a atuação de alguns professores desta área, percebemos que, nas aulas, a música é tratada apenas a partir do contexto do século XX, como uma espécie de plano de fundo para os assuntos referentes à República Brasileira.

Entendemos, portanto, que a abordagem da música nas aulas de História não deveria ser feita apenas no que tange ao século XX, uma vez que, hoje, com o avanço das tecnologias da informação e da comunicação, temos acesso à grande parte da música desde o Medievo, quando a escrita musical começou a ser desenvolvida.

Tendo em vista que o ensino de História engloba não somente a economia e a política, mas também a cultura, religião e as expressões artísticas de um povo, o professor desta disciplina tem nas mãos o poder de propiciar aos seus alunos um conhecimento amplo, que vai além dos livros. Utilizar as artes visuais, o cinema, o teatro nas aulas pode proporcionar um resultado positivo no processo de ensino-aprendizagem. A música também pode ser utilizada com esse fim, se for apresentada com responsabilidade pelo professor. Para que isso aconteça, é necessário que o profissional, ao utilizar tal recurso, tenha conhecimento dos principais conceitos que envolvem a História da Música Ocidental, e que tenha ciência de que a música interagiu e interage com o seu momento histórico.

[...] A música, a menos que não passe de rabiscos casuais em sons, tem o seu lugar na história geral das idéias, pois sendo, de algum modo, intelectual e expressiva, é influenciada pelo que se faz no mundo, pelas crenças políticas e religiosas, pelos hábitos e costumes ou pela decadência deles; tem sua influência, talvez velada e sutil, no desenvolvimento das idéias fora da música.

A música não pode existir isoladamente do curso normal da história e da evolução da vida social, pois a arte em parte surge [...] da vida que seu criador leva e dos pensamentos que tem. Existe para ser executada e ouvida, e não como sons da cabeça do criador ou como símbolos escritos ou impressos no papel, mas como som concreto produzido por e para quem deseje obter satisfação daquilo que o compositor lhes oferece (RAYNOR. 1986; 14, 23).

Muitas vezes o docente demonstra certo “temor” em utilizar, nas aulas, a música de períodos mais distantes, por acreditar que seus alunos não irão se identificar com os estilos, que, na maior parte das vezes, eles desconhecem. Ou então, a discriminação por parte de algumas pessoas ocorre por ignorância, as quais acreditam que esse tipo de música está restrito a uma elite; no entendimento dessas pessoas e de muitos profissionais da educação, deve-se trabalhar apenas com os elementos que fazem parte da cultura (local/ social) do aluno.

A priori, esse é o pensamento de muitos educadores. Porém, a partir de experiências vividas em sala, nesses últimos seis anos, com alunos das mais diversas faixas etárias e classes sociais, obtivemos resultados positivos quanto à utilização da música, na exemplificação das composições musicais de determinada época, correlacionando-as como produção cultural à ideologia vigente de cada período histórico.

Como função cultural, o exercício da música possibilita vivenciar sentimentos pretéritos e presentes de uma época, pela percepção de como o compositor diz o que diz. Como código musical envolve a ideologia e a “maneira de ser” de determinada época, sua vivência estimula formas de pensamento distintas do rotineiro, o que significa dizer que a música possibilita ao educando atentar para seus sentimentos, alimentando-os com experiências vivenciadas e ressignificadas em novas relações. E se a obra musical aponta determinada direção aos sentimentos do educando (ouvir música é ouvir direções), ela também descortina novas possibilidades de que ele se sinta e se conheça, pois a maneira de vivenciá-la é exclusivamente pessoal, é exclusivamente função do receptor. Expressando sentidos irreduzíveis a palavras, a música cria um espaço em que os sentimentos dos educandos acabam por encontrar novas e múltiplas possibilidades de ser (Sekeff, 2007: 133).

Para utilizarmos adequadamente a música no ensino de História, é necessário que o professor conheça, pelo menos, as principais características dos períodos da história da música para que possa fazer a devida correlação com o assunto que ele esteja ensinando. Assim, o aluno poderá entender melhor que determinado estilo artístico fez parte da vida de um grupo de pessoas de tal época, ou seja, que, para cada época, existiu um público específico. Importa, também, discutir com os alunos sobre as diversas funções da música: política, religiosa, etc.

Mediante essa carência da aplicação da música nas aulas de história – em períodos anteriores ao século XX – esse artigo pretende discutir e apresentar propostas para os professores de história repensarem e ampliarem suas práticas pedagógicas, mostrando a riqueza cultural que há nas produções musicais que englobam os assuntos estudados pelos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental nas aulas de História, observando a ordem dos assuntos dos principais livros didáticos em circulação atualmente.

II - Debates entre Música e ensino de História:

No quarto capítulo do livro *Ensino de História*, de Kátia Maria Abud (2010), denominado “Letras de música e o ensino de História”, observamos a preocupação da autora em mostrar que a música está inserida no meio social, podendo expressar indignação, resistência,

religiosidade. Ela ressalta a música com uma função social, ou seja, esta arte, à medida que é trabalhada pelo professor, pode constituir-se em uma ponte entre as vivências coletivas do passado e o aluno de hoje.

Cabe ao professor entender esse processo e articular de modo hábil o contexto histórico mais amplo do período histórico estudado com as músicas apresentadas aos alunos. Trata-se de uma maneira de problematizar a ‘escuta’ musical do aluno em relação ao processo de construção do conhecimento histórico.

[...]

Esse percurso nos mostra que as representações históricas construídas pelos alunos com base na música podem ajudar na construção do conhecimento histórico ao propiciar a identificação dos diferentes significados dos elementos definitivos e provisórios contidos nessas representações. Esses elementos podem ser compreendidos e trabalhados de maneira diagnóstica pelo professor por meio dos instrumentos de leitura histórica da linguagem musical, processo que pode se transformar numa ponte entre a realidade atual e o passado histórico. (ABUD, 2010: 63 e 64)

Segundo Abud, é importante mostrarmos aos alunos as diferentes formas de manifestação cultural de cada momento histórico, inserindo, portanto, a música nesse contexto.

Já o livro *Da música seus usos e recursos*, a Maria de Lourdes Sekeff (2007), trata mais especificamente da importância da disciplina de música no currículo do ensino fundamental. Ela argumenta com base em estudos realizados por musicólogos, psicólogos e até mesmo filósofos, estudos estes sobre a importância do contexto musical para o desenvolvimento da criança. Sekeff (2007: 13) afirma:

[...] que promova no educador consciência das reais possibilidades e do alcance da música na educação, na medida em que esta linguagem favorece o bem estar do educando e o desenvolvimento de sua equação pessoal, bem como pontua a musicoterapia.

A autora ainda expõe que o signo musical possui diferentes sentidos a depender da cultura que esteja inserido, uma vez que a linguagem musical é uma das formas dos homens se comunicarem com o mundo. (Ibidem, 32).

O livro ainda aprofunda as discussões sobre a música em sua função criativa e, portanto, importante no processo educacional. A autora exprime a música como importante para vivenciar sentimentos de uma época, pela percepção de como o autor ‘diz o que diz’:

Como o código musical envolve a ideologia e a ‘maneira de ser’ de cada época, sua vivência estimula formas de pensamentos distintas do rotineiro, o que significa dizer que a música possibilita ao educando atentar para seus sentimentos, alimentando-os com experiências vivenciadas e ressignificadas em novas relações. E se a obra musical aponta determinada direção aos sentimentos do educando (ouvir música é ouvir direções), ela também descortina novas possibilidades de que ele se sinta e se conheça, pois a maneira de vivenciá-la é exclusivamente pessoal, é exclusivamente função do receptor. Expressando sentidos irreduzíveis a palavras, a música cria um espaço em que os sentimentos dos educandos acabam por encontrar novas e múltiplas possibilidades de ser (Ibidem, 133).

Diante disso, o professor de história tem a música como uma aliada para auxiliá-lo no processo de construção do conhecimento.

Outro autor importante para o nosso trabalho é o historiador Marcos Napolitano, principalmente em sua obra *História e Música* (2005). Apesar de tratar mais especificamente da música popular brasileira, ele aborda a música como um campo de estudos amplo para os historiadores, tratando as representações musicais como objeto da história cultural.

A autora Circe Maria Fernandes Bittencourt, em *Ensino de História: fundamentos e métodos* (2011), trabalha as várias possibilidades de metodologias para o ensino de história: a partir do cinema, de documentos, da literatura, de museus, de imagens e, também, da música. Ao abordar a temática da música no contexto das aulas de história, a autora deixa evidente a diferença entre “ouvir” música e “pensar música”. Por isso, podemos perceber o quão é necessário, para o profissional que irá utilizar tal recurso, ter conhecimento sobre a sua função social no meio em que foi produzido.

Outra obra de fundamental importância para pensar a música como prática pedagógica é *Como usar música na sala de aula*, de Martins Ferreira (2010). Essa obra ressalta a importância da música em diversas disciplinas e apresenta várias sugestões para os professores. O que chama atenção nesta obra é o fato de seu autor tratar da música num panorama que abrange não somente o século XX, mas também os séculos anteriores, utilizando-se de obras de compositores como Bach, Vivaldi, Mozart, Beethoven, dentre outros. O autor teve a preocupação em sugerir vários exemplos musicais e sua abordagem em disciplinas diversas.

No que tange à História da Música Ocidental, podemos encontrar vários autores que tratam desse assunto, cuja abordagem inclui, principalmente, as transformações musicais da Europa Medieval até o século XX.

Dentre os principais autores que utilizamos para a discussão das transformações musicais está Henry Haynor, em sua obra *História Social da Música da Idade Média a*

Beethoven (1986), que trata não somente das mudanças musicais com relação às formas, mas também das representações musicais de uma maneira ampla envolvendo o músico em seu contexto.

Recorreremos, também, ao autor Roy Bennet, principalmente em suas obras *Uma breve história da música* (1986) e *Elementos básicos da música* (1998), as quais tratam, respectivamente, da história da música Ocidental e das temáticas mais específicas do campo musical.

Outro autor muito conhecido no meio de história da música, o qual fará parte da fundamentação deste trabalho será Otto Maria Carpeaux, em sua obra *O livro de ouro da história da música, da Idade Média ao século XX* (2005). Nesse livro, também encontramos mais informações a respeito da história da música, e dos principais compositores de cada período.

Peter Burke, em sua obra *Variedades de Historia Cultural*, aborda a questão dos diversos ramos com que a história cultural tem se preocupado. Ele trata da arte e, especificamente, da música, mostrando como e quando essas duas vertentes passaram a chamar a atenção dos historiadores. Ao tratar da história da música, Burke afirma que foi praticamente uma invenção do século XVIII, quando houve um surto de interesses nessa área.

O que observamos ao ler sobre história da música é que os autores citados nesse trabalho são músicos ou pessoas que entendem de música e que, na maioria das vezes, se preocupam mais em analisar as obras e a vida dos compositores, do que em traçar o panorama histórico das obras analisadas. Por isso, a união do historiador com as obras musicais de determinada época pode constituir-se em uma ponte entre o compositor e seu momento como agente histórico.

Marcos Napolitano, em seu artigo *A história depois do papel* (2006), afirma que, ao tratarmos a música como fonte, é preciso:

Considerar as fontes áudio visuais e musicais como um outro tipo qualquer de documento histórico, portadora de uma tensão entre evidência e representação [...].

Perceber as fontes áudio visuais e musicais em suas estruturas internas de linguagem e seus mecanismos de representação da realidade, analisando, a partir daí, sua condição de ‘testemunho’ de uma dada experiência histórica e social [...].

Articular a linguagem técnico – estética das fontes áudio visuais e musicais e as representações da realidade histórica ou social nela contida. (NAPOLITANO: 2006, 281)

III - POSSIBILIDADES DE UTILIZAÇÃO DA MÚSICA NO 8º ANO NAS AULAS DE HISTÓRIA

Um dos assuntos que são tratados no oitavo ano do Ensino Fundamental é o Iluminismo. Mostrar a importância das idéias iluministas para os nossos alunos, às vezes, pode ser uma tarefa complexa pois, esse tema aborda a política e as questões sociais européias do século XVIII de uma maneira muito intensa. Temos na música dessa época uma importante aliada, quando compreendemos um pouco da história do Classicismo na música.

O Período do Classicismo musical compreende os anos de 1750 e 1810, onde se inclui a música de Haydn e Mozart, bem como as primeiras composições de Beethoven.

A orquestra, no período Clássico, ganhou formas que praticamente até hoje são utilizadas. O baixo contínuo² com o tempo foi abandonado e os instrumentos de sopro passaram a ganhar maior destaque nas composições, já que seu desenvolvimento técnico possibilita aos instrumentistas um grande aprimoramento na execução, abrindo um leque de interpretação.

Foi durante o período Clássico que a música instrumental suplantou as composições para o canto. Grande parte das obras foi composta para pianoforte – o popular piano. O piano foi construído por Bartolomeo Cristofori, que, em 1700, já o havia concluído. Ele o chamou de *gravicembalo col piano e forte*, isto é, cravo com suave e forte, pois no cravo não existe esse recurso.

A época que Mozart viveu estava sendo fortemente influenciada pela ideologia iluminista. Mozart primeiramente era patrocinado pelos mecenas, que, muitas vezes, não lhe davam uma maior liberdade para compor. Porém, assim como Haydn (que começava a trabalhar fazendo arranjos, tocando em festas e bailes e dando aulas de cravo), ele passou a vender suas composições e dar aulas, a fim de tentar compor mais livremente sua música.

Ao tentar viver livremente da música dando concertos e aulas, Mozart conheceu a miséria, os empréstimos (CARPEAUX, 2005: 175). Podemos tomar como exemplo a vida do referido compositor para mostrar aos alunos a falta de liberdade das pessoas na Europa do século XVIII, e, em contrapartida, podemos discutir o impacto que as idéias iluministas tiveram.

Outro compositor que pode ser mencionado nas aulas de História do 8º ano é *Ludwig Van Beethoven*, que foi o último dos compositores do período Clássico e, ao mesmo tempo, o primeiro do período Romântico. Diferentemente de seus contemporâneos, ele não escrevia música para agradar patrocinadores ricos, mas sim a si mesmo. Podemos citar um dos

exemplos maiores de suas composições, a Quinta Sinfonia, principalmente no seu primeiro movimento, onde a execução de quatro notas consecutivas torna a obra famosa.

Em alguns livros didáticos como o de Flavio de Campos, Renan G. Miranda, Regina Claro e Miriam Dolhnikoff (2006: 104), *Ritmos da História* da 7ª série, e o de Mario Schmidt (2002: 88), *Nova história crítica*, também da 7ª série, fala-se sobre Beethoven, que acreditava no impacto positivo da Revolução Francesa. Em 1803, ele compôs a sinfonia nº3 em Mi bemol Maior, apelidada de “Heróica”, que inicialmente fora dedicada a Napoleão Bonaparte. Porém, um ano depois, arrancou a dedicatória que fizera, pois, Napoleão declarou-se imperador.

O link entre a música e a história não acabam por aí. O período musical iniciado por Beethoven, o Romantismo, é repleto de características que o professor de história pode utilizar para ampliar os conhecimentos dos alunos nesta fase.

Como expressão cultural, um novo ideal (Liberalismo) surgiu, atingindo todas as artes, o movimento romântico. A música dessa época tinha como objetivo, dentre outras coisas, eliminar a arte de salão feita para uma elite aristocrática e direcionar a música para o povo, através de uma linguagem mais simples. As primeiras manifestações dessa nova música eram geralmente obras de exaltação revolucionária, em que se celebravam os acontecimentos nacionais e as liberdades conquistadas.³

Os compositores *Clássicos* buscavam o equilíbrio entre a estrutura formal e a expressividade, já os *Românticos* buscavam maior liberdade de forma e de concepção em sua música, e a expressão mais intensa e vigorosa de sua emoção, frequentemente revelando seus pensamentos e sentimentos mais profundos, inclusive suas dores. Muitos dos compositores românticos tinham inspiração em obras literárias ou artes plásticas.

Outra mudança significativa diz respeito ao tamanho da orquestra, que aumentou consideravelmente. Houve também o surgimento de outros estilos musicais, como o *Lied alemão* (canções em alemão); *a música para piano*; *a música programática* (que procurava contar uma história, tendo como exemplo, muitas vezes, uma obra de arte); *a suíte* (reunião de várias músicas feitas para acompanhar apresentações); o *concerto romântico* (um duelo de solistas com solos cada vez mais difíceis, geralmente entre violino e piano) e o *drama musical de Wagner* (As óperas de Wagner são muito extensas, algumas durando mais de cinco horas, utilizando grandes orquestras e muitos cantores).

O nacionalismo foi uma característica muito presente no romantismo musical. Vários compositores fizeram peças que exaltavam a nação. Havia músicas compostas para comemorar uma vitória, ou utilizando trechos de canções populares e até mesmo folclóricas.

Como exemplo de compositores nacionalistas, temos o compositor russo *Tchaikovsky* (1840-1893). Em 1880, ele foi incumbido de compor uma abertura sinfônica - coral de tema patriótico, prevista para a inauguração da uma exposição em Moscou. Daí nasceu a “Abertura 1812, Op. 49”. Essa peça comemora a vitória russa sobre Napoleão nas Guerras Napoleônicas. Ela é conhecida pelos temas de música russa tradicional (como o velho Hino Nacional Tsarista), assim como pelo triunfante e bombástico final, com 16 tiros de canhão e o coro de sinos, que representam a alegria do povo russo por ter vencido os franceses. Além disso, podemos perceber em alguns trechos da música o hino francês. Inicialmente, alegre (celebrando a chegada das tropas napoleônicas no território russo) e, posteriormente, em um tom triste, o hino francês lembra a insatisfação e a vergonha de Napoleão por ter perdido a guerra contra os russos.

Outro exemplo de compositor nacionalista é o italiano *Giuseppe Verdi* (1813-1901). Ele é considerado um patriota. Para compor a ópera “Nabucco”, recorreu ao Antigo Testamento, a feitos dos tempos das Cruzadas, a heroínas nacionais de outros países (Joana d'Árc), ou à literatura de Shakespeare (Othelo, Mcbeth, Fallsfat) e de Victor Hugo (Rigoletto). Ao dar vida musical a uma série de libretos, procurou sempre acentuar uma conotação política por meio dos recursos artísticos que tinha. Verdi, mais do que nenhum outro compositor daquele século, fez da ópera um instrumento de combate pela libertação nacional, ornando suas composições com apelos à luta direta.

Em sua ópera “Nabucco”, houve, desde o princípio, uma imediata associação entre as desgraças dos judeus no Eufrates (escravizados pelo rei Nabucodonosor da Babilônia) e desgraças que a maioria dos italianos sofria naquele momento. No dia da estréia da ópera Nabucco, o 9 de março de 1842, mal o coro encerrou o último verso (IIIª Parte, cena IV), no qual os prisioneiros pediam inspiração para resistir com coragem as aflições, a Itália sentiu que ali nascia uma versão muito própria, totalmente sua, da "Marselhesa" . Desde então, a ária “Va pensiero su ali dorate” (Vai, pensamento, em asas douradas) foi considerada um símbolo nacional pelos italianos. O objetivo final somente atingiu êxito dezenove anos depois, em 1861, quando o rei Vitório Emanuel II do Piemonte foi proclamado rei da Itália.

O nome de Verdi esteve, inclusive, intimamente ligado a este movimento histórico como uma sigla do grito de ordem: **Vittorio Emmanuelle Rei de Italia** (Vitório Emmanuelle rei da Itália). Além disso, Verdi deu origem ao estilo operístico conhecido como *Verismo* (realismo), que se espalhou pela Europa influenciando vários compositores ilustres da história da música. A característica principal desse estilo operístico era colocar letras que se

aproximassem da realidade do povo e não continuar com os textos de óperas baseadas em lendas ou romances.

Estes foram apenas alguns exemplos de como os professores de história podem utilizar a música erudita nas suas aulas, mostrando aos alunos como as artes eram influenciadas e influenciavam a sociedade.

IV – NOTAS

1 - Licenciada em História pela Universidade Federal de Sergipe; Pós - graduada em “Educação e Patrimônio Cultural em Sergipe”, pela Faculdade Atlântico; Tutora à distância da Universidade Aberta do Brasil, pela UFS; professora contratada da rede Estadual de Sergipe e aluna do curso “Habilitação em Educação Musical Licenciatura”, pela Universidade Federal de Sergipe. Endereço eletrônico: priscillahistoria@yahoo.com.br

2 - No período Barroco, o cravo ou o órgão era tocado na maioria das músicas continuamente.

3 – Retirado do site: http://agnazare.ccems.pt/EB23EMUS/3_ciclo/romantica.htm. pesquisa realizada no dia 01/06/2008.

V - REFERÊNCIAS

ALALEONA, Domingos. **História da música desde a Antiguidade até nossos dias**. Tradução de João C. Caldeira Filho. São Paulo: Edições Ricordi.

ANDRADE, Mário de. **Pequena história da música**. 5º Ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes editora.

BENNETT, Roy. **Elementos básicos da música**. Tradução de Maria Teresa Resende Costa. Rio de Janeiro: Jorge Zarrar Editor, 1998.

_____. **Uma breve História da Música**. Tradução de Maria Teresa Resende Costa. Rio de Janeiro: Jorge Zarrar Editor, 1986.

BUCH, Esteban. **Música e política: a Nona de Beethoven**. Tradução de Maria Elena O. Ortiz Assumpção. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

CARPEAUX, Maria Otto. **O livro de ouro da História da Música, da idade Média ao século XX**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

CAMPOS, Flávio de; CLARO, Regina; DOLHNIKOFF, Miriam e MIRANDA, Renan Garcia Renan. **Ritmos da História**. 7ª série. São Paulo: Escala educacional, 2006.

FERREIRA Martins. **Como usar a música na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 3ª ed., 2002.

FRANÇA, Eurico Nogueira. **Matéria de música**. Editora de Brasília, EBASA: 2ª edição, 1972.

GÓES, Priscilla da Silva. **Acordes Dissonantes da História da Música em Sergipe: A Orquestra Sinfônica, 1985 – 2005**. Monografia de graduação do departamento de História da Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão, 2006.

_____. **A Orquestra Sinfônica como patrimônio da cultura sergipana**. Monografia de Especialização. Aracaju, 2008.

ISAACS, Alan e MARTIN, Elizabeth (organizadores). **Dicionário de música**. Tradução de Álvaro Cabral. Zahar editores: Rio de Janeiro, 1985.

MÖRIKE, Eduard. **A viagem de Mozart a Praga**. Tradução de Hugo Steiner – Prag. Ed. Livraria Veredas; São Paulo, 1989.

PAES, José Paulo. Música e democracia, “populismo X elitismo”. Argumento falacioso. IN BOSI, Alfredo (organizador). **Cultura Brasileira, temas e situações**. 4ª edição. Ed. Ática; São Paulo, 2003.

RAYNOR, Henry. **História Social da Música, da Idade média a Beethoven**. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

SEKEFF, Maria de Lourdes. **Da música seus usos e recursos**. 2ª Ed. São Paulo: UNESP, 2007.

SCHIMIDT, Mario Furley. **Nova história crítica**. 7ª série. 2ª Ed. São Paulo: Nova Geração, 2002.